



ÉTICA: ATO DE ESCOLHER SOB O OLHAR DA ALTERIDADE

ETHICS: CHOICE UNDER THE VIEW OF ALTHERITY

Por:

Itamar Rodrigues Paulino

E-Revista Facitec, v.2 n.1, Art.6, julho. 2008.

http://www.facitec.br/erevista/index.php?option=com_content&task=view&id=9&Itemid=2

Todos os direitos, inclusive de tradução, são reservados. É permitido citar parte de artigos sem autorização prévia desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos só devem ser usados para uso pessoal e não comercial.

Em caso de dúvidas, consulte a redação: revistafacitec@facitec.br.

A e-Revista Facitec é a revista eletrônica da FACITEC, totalmente aberta, inaugurada em Janeiro de 2007, com perfil acadêmico, é dedicada a professores, pesquisadores e estudantes. Para mais informações consulte o site

www.facitec.br/erevista.



ÉTICA: ATO DE ESCOLHER SOB O OLHAR DA ALTERIDADE

ETHICS: CHOICE UNDER THE VIEW OF ALTHERITY

Resumo

O mundo atual tem vivido diante de situações que sugerem reflexões sobre questões éticas bastante complexas. Nossa época tem demonstrado um grave desvio de seu caminho rumo à humanização das pessoas. Violência, pobreza, corrupção e abuso de poder são ingredientes já costumeiros em nossa realidade. Embora sempre tenham existido, não podemos deixar de afirmar que hoje essas questões se tornaram aberrantes. O presente artigo procura refletir os fundamentos básicos da ética e da moral, apontando para um possível caminho de reconstrução do significado de relações humanas saudáveis. Para tanto, procurou-se resgatar os pensamentos de Aristóteles, Heráclito e Schopenhauer, como estrutura dialógica para fundamentar que a vida, sob a batuta da ética, só tem significado se houver um profundo ato de escolha, que tenha como critério a identificação com o outro, pela alteridade, desejando o seu bem.

Palavras-chave: Ética, Moral, Consciência, Hábito, Relações Humanas.

Abstract

Nowadays, the world has been living before some situations that suggest ethical reflections very complex. Our times have shown a serious deviation from the way up to people humanization. Violence, poverty, corruption, power abuses are common ingredients in our reality. We cannot put aside the affirmative that those facts became so unacceptable, although they have always been existed. The present article reflects the basic fundaments of Ethic and Moral. It intends to show up a possible way for rebuilding of good human relations meaning. In order to make sense of that, it rescues the thoughts of Aristotle, Heraclites e Schopenhauer as dialogical structure as fundament that Life has meaning only if it has a deep act of choice, on the criteria of identification towards the Other, wishing him the good with no condition, through altherity, since Life is under the baton of Ethic.

Keywords: Ethic, Moral, Consciousness, Custom, Human Relations.



INTRODUÇÃO

O mundo atual tem vivenciado situações que sugerem reflexões éticas bastante complexas. Alguns pensadores chegam a afirmar que a ética perdeu seu rumo e as pessoas, grupos, empresas e instituições de poder, vivem o "*cada um por si*", sem considerar princípios que norteiam os rumos da humanidade para que ela caminhe de maneira decente, responsável e correta. É notório que nos tempos hodiernos quanto mais surjam movimentos no Brasil e no mundo lutando em defesa de direitos humanos, mais se nota a falência dos princípios éticos. Sabemos, no entanto, que uma consciência saudável, revestida de maturidade altruísta, considera o outro como ser humano, respeita-o e o ajuda como tal e sente indignação diante de cenas que mostram transgressões aos mais básicos direitos à vida, principalmente, quando ocorridas contra crianças, mulheres e idosos.

A consciência humana saudável não deseja o mal a ninguém, pois ela sabe que todos nós participamos da vida do mundo e todos precisamos uns dos outros para sermos felizes em nossa existência. Por esta razão, nossa observação crítica de como o mundo se comporta frente a circunstâncias que exigem a sensibilidade ética aponta que ainda não conseguimos superar vários desafios neste caminho rumo a uma civilização mais humana, tais como, o domínio de uma espécie humana sobre outras, o império da injustiça entre as pessoas, o mal fortalecido, a lei do *self made man*, o dinheiro que rege as relações, entre outros. A não superação desses desafios acarreta em sofrimento a toda a humanidade.

Assim, é correto afirmar que a realidade do mundo nos tempos atuais coloca em jogo a pertinência de nossas convicções, o sentido de nossos atos, a justiça de nossas relações com os outros, ou seja, nossa vida inteira. Por isso, quando nos deparamos com situações cruciais, entramos numa profunda crise, pois nossa decisão poderá colocar em risco a vida de pessoas ou nossas próprias vidas. No entanto, a falência



das instituições estatais e suas políticas parcialistas em favor do capital, com o retorno ao pietismo ingênuo das instituições religiosas e com o enfraquecimento sistemático de movimentos populares, provocam um desequilíbrio afetivo e efetivo na sociedade. Fracos, não lutamos para que haja mudanças radicais nas atitudes humanas em favor do direito inalienável de toda pessoa humana à vida.

Neste sentido e para os nossos objetivos, cabe ampliar o leque conceitual de algumas palavras, tais como: Ética e Moral, a partir do que pensavam os filósofos gregos Heráclito e Aristóteles. Neste caso, importamos anotarmos um aspecto ingressivo: a diferença básica entre Ética e Moral. Ora, Ética e Moral não são equivalentes, apesar dos dois termos terem significados semelhantes. O vocábulo "moral" surgiu muito tempo depois, mas fundado na interpretação aristotélica de ética. A gênese da palavra moral está no latim *mos, moris*, que significa a maneira de se comportar orientada pelos costumes. Em sentido mais amplo e definido, a moral é o conjunto das regras de conduta aceitas e admitidas em determinada época ou por determinado grupo de homens (ARANHA; MARTINS, 1995). Neste caso, transgredir ou acatar as regras do grupo ou da época qualifica o ser humano em ser moral ou não.

Quanto à ética, a palavra deriva do termo grego *ethos*, com dois significados bastante diversos. Vaz (1988) nos ajuda a ter uma importante percepção inicial dos dois significados. Conforme Vaz, na primeira acepção do termo, *ethos (com eta)* é compreensível que assumamos ser a *moradia do homem*. Ora, essa acepção sugere que o mundo é o espaço social onde os seres humanos assumem de fato a condição de *humanos* e, conseqüentemente, devem buscar mecanismos afetivos e efetivos de convivibilidade. Logo, ainda conforme Vaz, é neste espaço que as pessoas deverão usar de todas as suas potencialidades para imprimir no seio da humanidade atitudes e atos que exijam a radicalidade do bem sobre o mal. Quanto ao segundo significado de *ethos (com)*, temos o conceito de comportamento humano como construção e resultado de um constante *repetir-se dos mesmos atos*.



Logo, o termo *ethos*, no primeiro sentido, indica 'morada'. Essa concepção reflete o pensamento de Heráclito sobre o tema. O termo foi usado por ele na expressão "*ethos anthropos daimon*", que pode ser traduzida como *o homem é a morada da consciência (ser)* ou *a consciência (ser) mora no homem*. Por conseguinte, a ética vincula-se ao mundo interior do ser humano, ao estado de consciência da pessoa. Por isso, o *ethos* pode ser considerado o espaço a partir do qual a consciência (ser) se manifesta no homem, em seu caráter e na sua índole natural.

O termo *ethos*, no segundo sentido, é uma referência a um ato repetitivo, um 'hábito', ou um costume sobre o qual se registram valores aceitos pela coletividade. É esse o significado mais usual, surgido a partir de Aristóteles (1985), que aprofunda a questão na obra *Éthikon Nikomachieon*, traduzida ao português como *Ética a Nicômacos*. Conforme este pensador, o modo de ser ou o caráter que se vai adquirindo ao longo da existência é assimilado por hábitos. Portanto, *ethos* é aquilo que foi adquirido pelos costumes. Isto implica dizer que *ethos* não é inato, senão impresso 'na alma' por meio de atos repetidos. Embora Aristóteles tenha assumido ser pela *arethe* (virtude) o mecanismo de atualização da tarefa de ser bom, isto não é possível senão por ações racionais.

Se, no primeiro caso, a ação ética é algo que nasce a partir da índole interior do ser humano em direção ao externo, tendo a consciência como fonte que impulsiona para a ação com retidão, no segundo, são não mais que atos repetidos que, transformados em hábitos, formam o caráter. É algo adquirido, um resultado de práticas repetidas.

Em Heráclito, o conceito de ética está estritamente ligado à idéia de escolha da consciência. Uma opção geradora de uma decisão. Em Aristóteles, porém, o senso ético é a aquisição do caráter por via da formação de hábitos. Por isso, ele enfatiza que nós adquirimos as virtudes morais mediante exercício, e que elas, portanto, não estão em nós por natureza nem de maneira inata. Logo, para ser ética, a pessoa deve ser ensinada ou treinada a sê-la. Esta posição de Aristóteles foi o marco inicial



para o uso do termo moral como costumes a serem introjetados por uma educação moral.

Nesse aspecto, cabe registrar o pensamento de Dussel (1986) sobre a tese de Heráclito. Para Dussel, o *ethos morada* é mais fundamental que o *ethos* que somente significaria costumes. Ele compreende a questão, posiciona-se ao se perguntar sobre o significado de ético, o qual responde sê-la uma *práxis para o outro como outro, como pessoa, como sagrado, absoluto*. Diz ele:

Se há uma moralidade de práxis vigente, há também uma 'eticidade' da práxis libertadora. O ato é 'moralmente' bom no sistema dominador quando cumpre as normas vigentes. O ato será 'eticamente' bom em situações de maior dificuldade, e, principalmente, ante a consciência ética do próprio sujeito libertador.

Por esta razão Dussel define que os hábitos, ou costumes, diferem-se conforme as diferentes épocas e locais. Concomitante a seu pensamento, podemos afirmar que os costumes organizados, absolutizados e impostos à sociedade evidenciam que a moral está vinculada ao sistema dominante, além de ser relativa. Diferentemente dos hábitos nascidos a partir de culturas, os princípios universais que habitam no ser humano são constantes. O ser humano pode assumi-los em qualquer lugar que estiver, desde que tais princípios morem de fato em sua mente.

Uma consciência atuante e sintonizada com tais princípios universais expressa com mestria máxima a ética. Uma consciência com tal capacidade é uma consciência livre para escolher uma ação que possa ser ética. Na moral, entretanto, o essencial é obedecer a normas e regras, seguir os costumes sociais já determinados.

Ora, nossos atos, quando praticados, estão sujeitos a elogios, que podem ser traduzidos em recompensas, ou repreensões transformadas em punições. Nossos atos mais comuns, sejam individuais ou sociais, consideram o conjunto das regras de conduta aceito em determinada época. Tais regras deveriam ser fundadas em princípios denominados princípios éticos.



Seguindo o mesmo raciocínio, para que haja uma consciência ética, é necessário que a dimensão da subjetividade esteja ativa, pois ela leva o ser humano a agir de maneira livre e autônoma em contraposição ao determinismo, tão profundamente perceptível num mundo regido pela consciência trágica.

Nossa percepção ética nos tempos hodiernos resulta da busca de superação dessa consciência trágica dos tempos antigos pelos tempos modernos que, ao olhar a ação humana, faz a ela severas críticas até que no fim rende-se ao irracional, demonstrando a contradição entre determinismo e liberdade. A superação da consciência trágica pela crítica leva o homem a tornar-se um ser de vontade, exigindo dele próprio um esforço racional para compreender o mundo e, conseqüentemente, agir nesse mundo. Logo, se o conceito de ética está ligado à superação da consciência trágica pela consciência crítica e racional, estaria então a ética ligada ao desenvolvimento da racionalidade?

Por causa dessa dúvida, surgem várias questões pertinentes. Hoje, os princípios éticos contemplam a individualidade em detrimento da coletividade? Estamos ainda vinculados à visão teocêntrica do mundo onde os critérios do bem e do mal estão ligados à fé e dependem da esperança de vida após a morte? Ora, sabemos que, para a religião, os valores são considerados transcendentais, porque são doações divinas. Caso aceitemos essa posição, assumiremos uma visão ética que identifica o homem moral com o homem que teme a Deus. É essa visão suficiente para que o mundo atual seja melhor?

Ainda outras questões. Ao invés dessa visão teocêntrica, não estamos talvez vinculados a uma visão secularizada do ser humano em que o fundamento dos valores não se encontra em Deus, mas no próprio homem? Ou ainda vinculados a uma visão kantiana da ética, movidos por imperativos categóricos fundados exclusivamente na razão, visto que não há sentido uma moral fundada em condicionantes como felicidade, interesse pessoal ou vontade? Ou correto estaria Schopenhauer ao afirmar



a necessidade da superação de imposições, coerções e “deveres” para que o homem possa livremente promover a prática das virtudes?

Estaria Marx certo ao defender que não há como viver moralmente em um mundo que não tenha instaurado a ordem da justiça social, até porque uma moral sem essa ordem é uma moral imposta logicamente pela classe dominante, cheia de interesses?

O que dizer de Nietzsche, ao criticar Sócrates, apontando que este, ao direcionar a reflexão da moral para o controle racional das paixões, fez nascer o homem desconfiado de seus instintos e necessitado de normas morais que o domesticassem? Então, a ética seria o conjunto de princípios que norteiam a moral domesticadora dos instintos humanos? Mas como valorizar o corpo e as paixões sem cair em preconceitos geradores de atos e atitudes antiéticas?

Essas perguntas demonstram o quanto o tema é complexo. Mesmo com tantos desencontros entre filósofos e pensadores de várias épocas, podemos assumir que a ética é o ser livre que vive a angústia de poder optar por um tipo de atitude gerado pela construção da consciência moral, a partir de um projeto de afetividade em que estejam latentes a reciprocidade e a cooperação.

Nossa percepção ética está direcionada para valores universais aceitos em todas as épocas. A ética busca ser luz da consciência humana, procura fundamentar e dirigir as ações humanas, apontando como deve ser a conduta individual e social. Por esse motivo, os princípios éticos são a base de sustentação dos códigos morais regentes na sociedade. Mas tenhamos em mente que os códigos morais normatizam as relações e ações humanas dentro de um contexto social, político, econômico e cultural situado e datado, enquanto que os princípios éticos transcendem ao limítrofe contextual, identificado no tempo e na localização. Por isso, assumimos que os princípios éticos são universais.

Não podemos, em hipótese alguma, transformar a ética em manual de moralidade. Esse papel já é feito pelos códigos de boa relação humana que procuram doutrinar moralmente as pessoas. A ética, ao contrário,



pressupõe a liberdade humana para decidir por qual caminho se vai chegar à felicidade. Logo, ser ético é ser capaz de escolher, optar por uma ação entre várias possíveis ações, considerando como critérios a própria felicidade, o não-prejuízo do outro e, certamente, o estar ao lado do outro nas situações em que seja necessário o resgate da dignidade humana.

Ora, se por um lado a livre escolha é demasiadamente pesada, por outro lado é necessário que nos apoiemos em um outro princípio ético, viver bem conosco e com os outros. A escolha entre o que é bom e o que é mau é angustiante, porque, não poucas vezes, o que é mau veste-se de bom e o que é bom veste-se de mau. Logo, saber viver eticamente parece ser apenas saber fazer a escolha certa. Mas isso não é tão simples como parece. Se para algumas pessoas é nobre viver para os outros, para outras o melhor é fazer os outros viverem para elas.

Nossa vida é o resultado desse sério jogo de escolhas do que desejamos ou não e do que queremos ou não. Caso o princípio do determinismo fosse factualmente determinante, não haveria necessidade de pensarmos nossos princípios éticos. Podemos pensar essa idéia com um exemplo bastante interessante. Há, na natureza, animais heróis que arriscam suas vidas em prol de outros seus, se assim podemos chamar, irmãos de classe. O exemplo é descrito por Savater (1999).

Você conhece as térmitas, aquelas formigas brancas que, na África, constroem formigueiros impressionantes, de vários metros de altura e duros feito pedra. Como o corpo das térmitas é mole, por não ter a couraça de quitina que protege outros insetos, o formigueiro tem a função de uma grande carapaça coletiva que as defende contra certas formigas inimigas mais bem armadas do que elas. Mas às vezes um desses formigueiros desmorona por causa de uma inundação ou de algum elefante. /.../ Logo as térmitas-operárias põem-se a trabalhar para reconstruir depressa a fortaleza danificada. E as grandes formigas inimigas lançam-se ao ataque. As térmitas-soldados saem para defender sua tribo, tentando deter as inimigas. Como não podem competir com elas nem em tamanho nem em armamentos, dependuram-se nas atacantes tentando frear sua marcha, e vão sendo despedaçadas pelas mandíbulas das inimigas. As operárias trabalham celeremente para voltar a fechar o termiteiro ruído... mas fecham-no deixando fora as pobres e heróicas térmitas-soldados, que sacrificam suas vidas pela segurança das outras.



Esse exemplo é um clarividente demonstrativo da diferença entre o ser humano e os animais. Qual seria, pois, o diferencial entre as formigas-soldados e um ser humano que doa sua vida para salvar a do outro?

As térmitas-soldados não podem fugir, não se rebelam. Elas estão programadas pela natureza para essa reação de defesa de suas irmãs. Não ocorrerá uma *Revolução dos Bichos* como a proposta por George Orwell em sua obra de mesmo nome. A natureza programa os animais a ações e reações fixas, permanentes, eternas. Vejamos ainda as abelhas. Há milhares de anos tecem suas teias da mesma forma, não mudam a tecnologia, o formato, o tipo de material. Não podem ser rebeldes, não são autônomas, simplesmente agem e reagem conforme o infalível programa da natureza.

Quanto ao ser humano que, por exemplo, doa sua vida para salvar a do outro, há a possibilidade dele negar-se a ser um herói. Mas se o faz é porque quer e sente-se livre ao fazê-lo. Eis, pois, outro princípio ético fundamental: a liberdade.

As circunstâncias, que não escolhem pessoas, mas acontecem sem o controle humano, não são escolhidas por nós. No entanto, é de nossa liberdade e de nossa única opção escolher o que fazer diante das circunstâncias. Todavia, essa escolha deve ser uma tentativa racional de tornar real o *como viver melhor*.

Finalmente, é necessário perguntar-se: como viver melhor? A vida melhor implica refletir sobre o que queremos, sobre o sentido da vida, sobre nossa própria felicidade. Mas não basta perguntar sobre o que queremos ou sobre o sentido de nossas vidas. Temos que avançar em nosso estágio de humanização. E para tanto, urge pensar o que o outro quer e qual o sentido de sua vida. Pensar é assumir alternativas e optar por elas. Uma opção acertada, que permita sorrir. Mas se a opção se mostrar errada mesmo que o pensamento nos tenha provado certo, devemos ter a coragem de reassumir nossas escolhas para, enfim, acertarmos em nossa caminhada rumo a uma consciência ética proporcionadora de bem-estar humano.



PROBLEMATIZANDO O TEMA A PARTIR DE ALGUNS PENSADORES

Para refletirmos o pensamento de Schopenhauer sobre a ação moral e ética, é necessário voltarmos um pouco na História e explicitarmos alguns conceitos fundamentais sobre ética. Estamos mais ou menos no século XVI, tempo em que a *moral do dever* havia se tornado uma muralha para controlar o avanço dos desejos humanos e de seu livre-arbítrio. Essa muralha, 'recheada' de preceitos, era extremamente autoritária. Ela não dava ao ser humano o direito de escolher o que se lhe apresentava como algo de bem. Por esta razão, o próprio ser humano se sentia incapaz de distinguir o bem do mal, pois havia sempre uma autoridade encarregada de apresentar-lhe suas obrigações e proibições morais.

Assim, as normas morais dessa época, fundadas em preceitos religiosos, não ofereciam espaço para outra possibilidade senão a de adequar-se a elas sem qualquer tipo de questionamento. Sua liberdade de opção e de escolher a melhor forma de fazer o bem estava presa às obrigações que lhe eram impostas. Conseqüentemente, a dimensão da liberdade de então não era ainda tão vivenciada, embora os grandes pensadores da época já estivessem delineando os primeiros fundamentos do significado de liberdade dentro do contexto pós-medieval.

De certo modo, podemos afirmar que o tipo de moral vivida nessa época adotava a didática da submissão, ou mesmo na servidão, pois abarcava questões de cunho exterior, irracional, e, por isso mesmo, fora vinculado a fatores normativos, o que resultava, no nosso modo contemporâneo de analisar, em regras individuais e sociais lesivas à dignidade humana. Mas, falar em dignidade humana nessa época seria um erro histórico e sociológico de tamanho incomensurável. A moral do início da modernidade era, pois, uma moral das obrigações, não uma moral geradora de virtudes. Era um instrumento usado em vista da submissão das massas.



Alguns pensadores de então ensaiaram uma espécie de 'libertação' racional' daquele tipo de moral. No entanto, suas reflexões apenas sistematizaram melhor aquela moral tradicional. Entre eles, encontramos Descartes e Kant. Quanto ao primeiro, suas anotações sobre o assunto no *Discurso do Método*, em específico a *sexta meditação*, permitem-nos aceitar que ele realmente racionalizou um pouco mais a moral da época, mas não questionou em nenhum momento como era a vida do ser humano em relação aos costumes e à religião, fatores determinantes para a manutenção daquele tipo de moral, exceto afirmar que devemos perceber que o princípio fundante do *cogito* é a própria existência humana. O sensível denunciador do corpo aponta para a existência. E se o ser humano é capaz de perceber-se existente é porque essa capacidade é resultado de seu ato de pensar.

No caso de Kant, ele buscou sistematizar a inflexível moral da época. Fez uso da filosofia para implantar conceitos mais consistentes e convincentes àquela moral autoritária. Seu discurso ético, que se encontra na obra *Fundamentação da metafísica dos costumes*, não passava de uma sistematização moral e uma racionalização do pietismo reinante na época, visto que o pietismo controlava o desenfreamento das emoções. Sua visão moral estava mais voltada para deveres e obrigações do que para direitos e liberdade de escolha. Logo, podemos perceber que para ele somente a razão pura deveria sustentar a moral, pois esta faz com que nos voltemos para os deveres existenciais sem que tenhamos que fazer escolhas.

Cumprir deveres é o mais importante princípio moral kantiano. Em sua moral, desejar a felicidade é um erro, visto que o próprio fato de vivenciar as próprias obrigações já seria o suficiente para conquistar felicidade na vida. Daí a importância da lei moral ser racional e objetiva. Para tanto, ele apresenta a lei como um imperativo categórico. Logo, por não haver possibilidade do ser humano optar entre o bem e o mal, Kant desenvolveu esse axioma básico para o comportamento moral. Para ele, o conselho é o seguinte: *proceda em todas as suas ações de modo que a norma de seu proceder possa tornar-se uma lei universal*.



Por causa do imperativo categórico, a lei moral deve determinar o que significa bem e mal; isto significa dizer que o ser humano não deve ter a livre iniciativa de optar entre o bem e mal. A ele cabe somente a disposição em assumir a prática moral que estará fazendo o correto. Ora, essa moral está centrada na obrigação e no dever para que haja de fato uma prática mais tranqüila do bem. O fim último da existência é a moralidade, que já está normatizada em leis, não cabendo nenhuma preocupação com a felicidade, que é algo subjetivo. Então, a moralidade vem da razão que, fazendo uso do raciocínio, desenvolve juízos morais. A moralidade é aquela desenvolvida pelo raciocínio e transformada em lei moral, pois nenhum ato realizado visando ao interesse próprio poderia ser virtuoso, mas somente aquele em que o ser humano obedece à lei racional da moral.

Entretanto, anos depois, por volta de 1788, nasce Arthur Schopenhauer, um crítico aguerrido do movimento idealista alemão. A partir desse pensador, Kant iria receber fortíssimas críticas à sua maneira de pensar a moral. Para Schopenhauer, que desenvolve todo um pensamento sobre a questão nas obras *O mundo como vontade e representação* e *Parerga e Paralipomena*, a coisa em si tem correspondência com a vontade. Essa postura fê-lo repensar a maneira de se trabalhar a moral. Em sua percepção, a vontade é fundamental, e a razão e as sensações dela dependem. A vontade individual é de fato uma vontade única e universal. Mas ela é irracional, gerando sofrimento a todos. Então, como superar essa vontade? Com esta interrogação, Schopenhauer assume sua percepção de ética.

O pensamento de Schopenhauer não comportava a idéia de que um imperativo categórico fosse o fio condutor de uma ação ética e também não acreditava que a ênfase no “dever” fosse fundamental para o reinado da ética. Em contrapartida à idéia kantiana do imperativo categórico, ele defendeu a *primazia da vontade*. Além dessa primazia, buscou sistematizar sua ética a partir do tema das virtudes, entre as quais a



compaixão, inspiradas em textos orientais, em especial, nos textos budistas.

Sua didática tinha como meta fazer com que as pessoas superassem as imposições, as coerções e a idéia de ter que fazer o bem por obrigação ou dever. Ele dedica boa parte de suas reflexões buscando fundamentações para afirmar que a liberdade é a etapa mais importante para quem quer viver eticamente correto. Sua idéia básica era a de não prejudicar pessoa alguma, mas fazer o bem a todos.

Como etapas metodológicas de sua didática, ele assume duas fases. A primeira etapa refere-se a fazer o ser humano ver que a existência humana está transbordando de sofrimentos e miséria e que, por isso, a vida é um inferno. Esse pensamento pessimista é apenas uma forma inicial de aceitação da realidade e não o objetivo maior de suas digressões. Essa percepção tão impotente da vida é vista em sua expressão: *a vida do homem oscila, como um pêndulo, entre a dor e o tédio, tais são na realidade os seus últimos elementos.*

Ainda na primeira fase de sua didática, Schopenhauer procura identificar três causas para pensarmos sobre as ações humanas: o egoísmo, a maldade e a caridade.

Na segunda parte de sua didática, ele leva o ser humano a perceber que há uma relação de oposição entre egoísmo e compaixão, pois há pessoas que pensam somente em si; e há outras que desejam o bem ao outro. Nesta segunda parte, Schopenhauer aponta para a necessidade de se praticar a virtude. Para ele, seria inútil acreditar que nossa moral possa fazer dos homens pessoas virtuosas.

Ora, para Schopenhauer (DATA e pg), a causa do mal está no egoísmo. Ao lidar com o tema *Acerca da Ética*, ele afirma que:

o egoísmo, por natureza, não tem limites; o homem só tem um desejo absoluto, conservar a existência, eximir-se de qualquer dor.(...) O que quer é a maior soma possível de bem-estar, é a posse de todos os gozos que é capaz de imaginar. Qualquer obstáculo que surja entre o seu egoísmo e as suas cobiças excita-lhe a raiva, a cólera, o ódio: é um inimigo que é preciso esmagar. 'Tudo para mim, nada para os outros', é a sua divisa. O egoísmo



é colossal, o universo não pode contê-lo. Cada um considera-se o centro do mundo.

Sua postura frente ao problema do egoísmo traz à tona uma questão existencial fundamental: se o egoísmo é verdadeiramente a causa de tantos tormentos no mundo, como então superá-lo? Em primeiro lugar, é necessário que se negue a vontade de viver em vista dos próprios interesses. Neste sentido, a única possibilidade é a atitude ética da compaixão. Essa atitude é a solução para neutralizar, em um primeiro momento, e, mais adiante, destruir o egoísmo, a possibilidade de fazer morrer esse mal que gera tantas dores na existência.

A fonte do egoísmo é aquela em que a consciência se coloca no centro de tudo e só tem cuidados com o seu próprio bem-estar. Tudo faz para manter seu egoísmo. Por isso, não se pode jamais juntar numa mesma consciência o egoísmo e o valor moral, pois eles não se aceitam um ao outro. Garantir a si mesmo um bem-estar, ignorando o outro, é uma ação egoísta não aceita por ninguém que deseja ver implantados os princípios morais existencialmente válidos. A ação aceita é a da compaixão.

Logo, a postura altruísta da compaixão volta-se para o outro de maneira livre e espontânea. Schopenhauer (DATA e PG) afirma em seu texto, *As dores do Mundo*, que

a compaixão é um fato incontestável da consciência do homem. /.../ É o produto espontâneo, imediato, inalienável da natureza, resiste a todas as provas, e mostra-se em todos os tempos e em todos os países. /.../ O ente que não conhece a compaixão está fora da humanidade.

No entanto, praticar a compaixão ou o egoísmo é um ato de vontade. Por isso, é necessário repensar a maneira de se trabalhar a moral. Ora, Schopenhauer defendia que a vontade era fundamental, pois dela dependiam a razão e as sensações. No entanto, a vontade individual, concebida por ele como vontade única, universal, era irracional, gerando sofrimento a todos. Então, como superar a vontade em fazer o mal?

A nossa vontade egoística não pode ser a base de nossa existência. Temos que assumir uma atitude de caridade, piedade e compaixão como



caminho prático para fazer valer os princípios éticos que defendem a vida. Logo, a atitude de compaixão é o princípio ético fundamental para todas as outras ações realmente éticas. A compaixão exige de nós uma identidade com o Outro, seja em sua alegria, seja em seu sofrimento. A justiça humana e social acontece justamente por ter como base efetiva a compaixão.

O mais importante ponto do pensamento ético de Schopenhauer é sua insistência em afirmar que a ética exige uma identificação com o outro, uma mudança radical: rejeitar a separatividade e assumir como fundamental uma vida identificada com o outro.

Ora, a ética está necessariamente ligada às ações, a uma vida prática, livre de quaisquer obrigações morais ou legais de se fazer o bem, e mesmo assim fazê-lo. Ou seja, não é porque a lei pede que eu seja bom com os outros e comigo mesmo é que eu serei. Aliás, a lei sequer deve exigir isso de mim. Eu devo ser bom porque eu quero, e porque eu renuncio ao mal.

Uma outra questão basilar nas idéias de Schopenhauer diz respeito a duas virtudes geradas pela prática virtuosa da compaixão, a justiça e a caridade. Pela compaixão, eu assumo a responsabilidade de não causar danos a ninguém. Pela via da justiça, torno-me um ser fundamental para ajudar o outro em sua labuta pela vida. Finalmente, ele mostra que se faz necessária uma identificação com o Outro, desejando o seu bem. Este será o motivo da ação verdadeiramente moral, o fundamento ético primordial no pensamento de Schopenhauer.

NOSSA RESPONSABILIDADE HUMANA PARA COM O OUTRO, UM ATO DE ALTERIDADE

Quando pensamos a questão do outro, levamos em conta dois conceitos fundamentais nos dias de hoje, identidade e alteridade. Ver o outro como o mesmo, o algo, o objeto, o *isso aí*, é uma postura que leva necessariamente à exclusão de pessoas com as quais não nos identificamos ou com as quais nossos interesses não serão realizados.



Por causa dessa visão separativista, da qual a filosofia ocidental fez uma redução do Outro ao mesmo, a humanidade se tornou um campo fértil para ações egoístas. Tal visão parece ser resultado da fundamentação do racionalismo ocidental, feito por Descartes (1988). Por isso é preciso lançar uma nova visão humana na tentativa de avançar na mudança do sentido da ética em relação ao pensamento moderno racional. Ora, faz experiência existencial completa e absoluta somente aquele que vê no rosto do outro a revelação da identidade humana.

Acolher o outro significa assumir a possibilidade ética do ser tornar-se realmente humano, pois o rosto revela o infinito. Por isso, é preciso que o ser humano acolha o rosto do outro. Em seu olhar, a experiência ou mesmo a possibilidade do egoísmo é destruída. Essa acolhida provoca uma atitude de responsabilidade fundamental no próprio "eu" humano, onde o Outro passa a ser mais importante, derrubando o muro que cerca a percepção humana e não o deixa ver para além de seus limites de interesse.

Assim, urge uma relação de abertura ao Outro, pois dessa abertura é possível gerar uma sensibilidade plena de compaixão em direção ao Outro. A ética exige que olhemos de maneira sensível o rosto do Outro que, não poucas vezes, olha-nos como que a dizer sem delongas: ajude-me. A ação ética é, então, uma resposta a essa revelação.

A ética é fundamentalmente uma práxis, um serviço efetivo, e jamais pode ser uma moral dominadora. Mas tem sido essa a tonalidade nos discursos e na prática moral ocidental. Assim, a ética racionalista e a ética do discurso devem ser criticadas. Ora, não podemos continuar promovendo a idéia da mesmidade, da identidade absoluta 'europeizada'. Nossa percepção latino-americana exige uma nova postura diante do Outro. Para tanto, urge destruir os obstáculos que impedem a revelação do outro.

A mudança de nossa postura implica aceitar sermos pessoas em situação existencial e, portanto, revestidas de uma ética existencial cotidiana, como *modus vivendi* diário da existência humana. Essa postura



ética exige que o significado de *ethos* seja aquele em que implica o habitar o mundo. O *ethos* é o modo de viver, as maneiras, atitudes, posições existenciais que, na prática, tornam-se hábitos e costumes. Tal modo de viver requer uma nova postura diante do outro, por isso é preciso ouvirmos a voz clamorosa do outro, visto que o “nosso ouvir” o Outro se transformará em uma ação moral como resposta efetiva a tal clamor.

Finalmente, há uma questão que requer respostas para além da teoria: ouvir o outro não é fácil. Exige um aprendizado discipular e uma libertação da prática moral que exclui a relação com os que “não têm voz”, os mais frágeis da sociedade. Nesse aspecto, ouvir o clamor do Outro é o ponto inicial para essa libertação. O “ouvir”, nesse caso, não é mera atividade psicológica de resignificação da afetividade para com o Outro, mas uma atitude ética fundamental para que haja real transformação na relação entre os seres humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um ser humano de mente virtuosa proporcionará a si mesmo um estado de bem-estar consigo e com a humanidade, visto que somente faz o mal o ser humano incapaz de perceber valor na vida própria e na vida dos outros. Esse ser humano incapaz de uma vida virtuosa constitui o mais grave perigo à busca por humanização do mundo atual. Ora, o destino a ser alcançado pelo ser humano exige estágios evolutivos de humanização. A dinâmica que nos faz crescer nesse estágio é a prática das virtudes. No entanto, aceitar a vontade originária, como fundamento ético e procurar realizá-la é uma decisão que cabe exclusivamente a cada ser humano. Se sua motivação está voltada para essa realização, sua mente pode ser considerada uma mente virtuosa. Mas caso sua motivação se volte para seu próprio ventre, sua mente passa a ser vista como uma mente viciosa.



Por isso, dispensa-se apontar que rejeitar definitivamente uma vida de vícios, uma mente viciosa, demonstrados em práticas como agressão, preconceito, exploração, desonestidade e injustiça é condição *sine qua non* caso a humanidade queira sair do estágio ainda animal de vida. As práticas virtuosas devem nos levar a uma relação humana mais harmoniosa, serena e plena de felicidade.

A sociedade hodierna parece ter perdido seus sonhos, ficando presa numa guerra entre a racionalidade e a irracionalidade, entre a apresentação e a representação, entre a realidade e a aparência, entre a ética e a moral. A existência humana e seus valores, a partir dos idealistas como ideais, dos anarquistas como anárquicas e dos realistas como reais, é preciso ver coisas humanas, *demasiado* humanas. Não se pode assumir a representação como o grande fundamento, que possibilite a geração de valores. Para além da representação, é preciso fazer apresentação das coisas em si e das pessoas em si, descumpridoras do *dever ser* idealista, assumindo a própria vida em si, como contraponto à vida que deve ser, visto que esta está em processo de condenação pela força da degradação de seus valores, enquanto aquela reconstitui uma saída original e desprendida, pois não irá categorizar as dimensões humanas e hierarquizá-las em níveis de comportamento bom ou mau.

Por isso, refletir sobre a ética nos tempos atuais significa um convite para que repensemos nossas relações sob a tutela imperativa do *pedido de auxílio*. Um *apelo ético* fundamental e necessário. A missão do ser humano, esse vivente da época em que há dissolução dos valores humanos, é clara: ele deve assumir a ética como escolha, necessariamente, uma escolha voltada para o bem da humanidade.



REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Trad. Mário da Gama Kury) Brasília, Universidade de Brasília: 1985.

ARRUDA ARANHA, Maria L. & MARTINS, Maria Helena P. *Filosofando*. São Paulo, Moderna, 1995.

BRUM, Alberto. *Filosofia e Existência – UEA 01, Eixo III*. Brasília, Universa, 2002.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Col. Os Pensadores. São Paulo, Nova Cultura, 1988.

DUSSEL, Henrique. **Ética Comunitária**. Petrópolis, Vozes: 1986).

KANT. I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de P. Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MONDOLFO, Rodolfo. **O Pensamento Antigo**. São Paulo, Mestre Jou, 1971.

PADOVANI, Umberto & CASTAGNOLA, Luís. **História da Filosofia**. São Paulo, Melhoramentos, 1994.

SAVATER, Fernando. **Ética para meu filho**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Acerca da Ética**. In: *Parerga e Paralipomena*, Cap. VIII, fragmentos 108 a 119, col. Os Pensadores, São Paulo, Nova Cultura, 1997.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Tradução de M. F. S. Correia. Porto: Rés. 1964.

SCHOPENHAUER, Arthur. **As dores do mundo**. Rio de Janeiro, Ediouro: s/d.